

# O racismo no *fantasme*

---

Yan Ferreira de Alencar

## Resumo

O texto é fruto de um cartel, dissolvido em 2022, cujo tema foi “Racismo, sujeito e psicanálise”, inscrito no Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza, no qual se procurava dar resposta ao questionamento de como o discurso analítico pode tratar do racismo, sendo essa uma problemática social. O trabalho tenta responder a essa questão aliando o conceito de fantasia (*fantasme*) como conceito operador da realidade na dinâmica do sujeito, encontrando-se com a inscrição da violência racial no psiquismo. Tenta concluir que o lugar do analista é o encontro de cada sujeito em sua singularidade, evitando o resumo ao saber único e globalizante. Revela, portanto, o lugar do rigor do tratamento analítico e sua aposta nos efeitos desse processo.

## Palavras-chave:

Racismo; Fantasma; Psicanálise; Discurso; Realidade psíquica.

## Racism in *fantasme*

## Abstract

This text is the result of a cartel dissolved in 2022 whose theme was “Racism, subject and psychoanalysis”, inscribed in the Forum of Campo Lacaniano de Fortaleza, where an attempt was made to answer the question of how the analytical discourse can deal with racism, since this is a social problem. The work tries to answer this question by combining the concept of fantasy (*fantasme*), as a concept that operates reality in the subject’s dynamics, meeting with the inscription of racial violence in the psyche. Trying to conclude that the analyst’s place is the meeting of each subject in his singularity, avoiding the summary of the unique and globalizing knowledge. Revealing, therefore, the place of rigor in analytical treatment and its focus on the effects of this process.

## Keywords:

Racism; Ghost; Psychoanalysis; Speech; Psychic reality.

## Racismo en fantasma

### Resumen

El texto es el resultado de un cartel disuelto en 2022 cuyo tema fue “Racismo, sujeto y psicoanálisis”, inscrito en el Foro de Campo Lacaniano de Fortaleza, donde se intentó responder a la pregunta de cómo el discurso analítico puede lidiar con el racismo, ya que esto es un problema social. El trabajo intenta responder a esta pregunta combinando el concepto de fantasía (*fantasme*), como concepto que opera la realidad en la dinámica del sujeto, encontrándose con la inscripción de la violencia racial en la psique. Tratando de concluir que el lugar del analista es el encuentro de cada sujeto en su singularidad, evitando la síntesis al saber único y globalizador. Revelando, por lo tanto, el lugar del rigor en el tratamiento analítico y su enfoque sobre los efectos de este proceso.

### Palabras clave:

Racismo; Fantasma; Psicoanálisis; Discurso; realidad psíquica.

## Le racisme à travers le fantasma

### Résumé

Le texte est le fruit d'un cartel dissous en 2022 dont le thème était le « Racisme, le sujet et la psychanalyse », inscrit dans le Forum du champ Lacanien de Fortaleza, où l'on y trouve une tentative de réponse à la question de savoir comment le discours analytique, peut-il traiter le racisme, lui-même étant un problème de société. Le travail effectué tente de répondre à cette question en analysant le concept du fantasma, en tant que concept qui opère la réalité à travers la dynamique du sujet, le combinant avec l'inscription de la violence raciale dans le psychisme. Tout en essayant de conclure que la place de l'analyste est en relation avec la rencontre de chaque sujet dans sa singularité, évitant ainsi de ce basé sur le savoir unique et globalisant. Révélant donc la place de la rigueur dans le traitement analytique et l'enjeu sur les effets de ce processus.

### Mots-clés :

Racisme ; Fantasma ; Psychanalyse ; Discours ; Réalité psychique.

Pegava-me pensando no início do cartel o que podia fazer a psicanálise diante do racismo, e essa pergunta se transformou em: o que pode uma análise com os efeitos do racismo até o refinamento último a que chegou? pode o discurso analítico tratar de algo social? E como isso se desenrolará?

Confesso que este texto demorou a ser compreendido, já que ele também é fruto de minha prática clínica e de um cuidado que acredito precisar ter com esse tema. Sem querer mais uma vez colocar o negro como objeto de estudo da branquitude, proponho colocarmos o sujeito do inconsciente no centro, como nos é de praxe.

Durante o percurso do cartel, inúmeras questões se apontavam como urgentes. Perpassou-se um tempo debruçado sobre a função da psicanálise diante do racismo, incluindo uma revisão da prática de transmissão no próprio saber analítico, assim como seu alcance nas comunidades majoritariamente compostas por pessoas negras. Em seguida, os efeitos do racismo no psiquismo, percebendo-se a incapacidade prática que é dar conta de um fenômeno social, logo explicitando a radicalidade da necessidade de tomar a questão um-a-um em uma análise. Tal fato se apresentou como uma barreira intransponível ao trabalho em cartel, já que este tentava dar conta através do saber desse fenômeno.

Isso culminou em uma ruptura, com a apresentação de um texto em uma jornada de cartéis do fórum escrito, voltado a uma crítica do discurso analítico como saber diante da sociedade. Essa elaboração, apesar de importante, mostra-se insuficiente para um trabalho em escola, já que toma a psicanálise como teoria filosófica, e não no patamar de práxis, ou sequer transforma a crítica em construção de novas possibilidades de ouvir e inquietar o saber analítico. Logo, esse trabalho posterior resultou na elaboração do que sobrou de resto possível para dar conta de um tema que insistia em sua presença clínica, ao final elaborado como a pergunta que finda este escrito.

Neusa aponta que a violência racial se inscreve em uma parte do eu que se torna agressiva contra si. Todo o investimento da violência dispensada pelo outro retorna ao eu e se inclui no processo de formação individual (Souza, 2021). Freud também ensina que os afetos não vividos na instância psíquica egoica retornam com mais força e encontram um lugar próprio no inconsciente (Freud, 1923 [1925]/2011).

A autora segue explicitando que esse processo transforma o eu em um próprio inimigo, impedindo a existência de qualquer conciliação com o inconsciente e a sociedade. Há uma inscrição particular do ódio que impede o bom funcionamento psíquico. Grada Kilomba demonstra que esse retorno é constante, já que a violência continua a se apresentar por formas cotidianas e semelhantes às primeiras aparições das expressões do racismo. O trauma racial não vira trauma, por não se inscrever no passado, mas no presente, e se impõe como violência a cada um (Kilomba, 2008/2020).

Assim, Grada parece fazer equivaler duas noções importantes: o trauma vivido em nível social e o conceito de trauma em psicanálise. A primeira diz respeito às

diversas formas de manifestação do racismo, que tomam o sujeito como objeto a ser controlado, desejado ou escarnado. De forma mais clara, a vivência de cada um diante de episódios do racismo cotidiano, que toma conta do discurso social. A autora também aborda o conceito de trauma em psicanálise, que dispõe de um funcionamento particular, sendo o trauma esse traço que dá início ao psiquismo do mesmo modo que marca o sujeito em sua singularidade.

Esse conceito, tão caro a nós, diferencia-se do primeiro, porque, diferentemente do trauma social, que é datado, definido e articulado à estrutura da sociedade, o trauma em psicanálise diz respeito à história individual e se inscreve no psiquismo como motor de construção da realidade psíquica. Dessa forma, não é possível alcançar esse trauma, a fim de solucioná-lo, já que ele resiste como movimento da dinâmica psíquica.

Todavia, acredito em outra interpretação da concepção de Grada. Definindo o trauma vivido pelo negro como algo que não produz memória, não é recalcado, a autora coloca em questão um ponto central de divisão das duas noções de traumas que citei. Parece-me que tenta colocar esse traumatismo decorrente dos efeitos do racismo como algo que explana Soler (1937/2021), como trauma da civilização. Esse, por não ser esquecido, não se inscreve no inconsciente, logo opera como acontecimento-problema. Dessa forma, como ferida aberta que não consegue encontrar significação.

Colette Soler define que todo trauma civilizatório diz respeito também ao trauma fundante da experiência do sujeito. Cito: “não há nenhuma percepção de perigo que não implique uma ‘internalização’” (Soler, 1937/2021, p. 61). Logo, as violências apontadas do cotidiano se ligam no que existe do trauma fundamental inscrito no inconsciente. Convém adicionar a essa hipótese que, dessa maneira, esses traumas civilizatórios devem compor a dinâmica de funcionamento de uma análise, já que, apesar de intransponíveis no que dizem respeito à sua extinção, eles dão acesso, ao que compreendo, como núcleo de tratamento analítico, conceito que exploro a seguir em Lacan.

Logo, chego ao que consigo compreender por *fantasme*<sup>1</sup> em Lacan. Fiz a opção por preservar a língua francesa, por acreditar não haver tradução suficiente. *Fantasme* não indica fantasia ou fantasma, já que não é de nenhuma maneira a desconexão com a realidade ou delírio, muito menos não se refere a algo que acompanha o sujeito para lhe assombrar, assim como não é uma sombra que segue o sujeito, não está atrás (Lacan, 1966-1967, inédito).

---

1 O uso do termo em francês tenta preservar algo único da elaboração de Lacan, já que a mesma língua também tem outras palavras com significados parecidos, como *fantôme* ou *fantaisie*, que têm a tradução em português como conhecemos, fantasma ou fantasia. Contudo, ambas não refletem o conteúdo proposto por Lacan. *Fantasme* é de uso corriqueiro na língua francesa e indica uma elaboração de cada indivíduo sobre um desejo ou realização não concluída. Preservando esse caráter cultural, não há no português uma palavra que carregue o mesmo teor.

O termo tenta dar conta da construção individual da realidade, Lacan (1966-1967, inédito) introduz como o conceito de moldura, em que a tela que é exibida é a própria realidade, mas esta encontra seus limites de apresentação no *fantasme*. Essa elaboração pressupõe, então, que todo sujeito tem acesso à realidade por meio de sua própria moldura, ou seja, não existe uma realidade crua sem a influência do que é particular em cada um. Também ressalta que o tratamento analítico não encaminha para o desmonte desse funcionamento ou mesmo revelação da realidade em si.

Em verdade, Lacan aprofunda que a ligação do *fantasme* com a realidade é constitutiva; nesse sentido, não há possibilidade de dissolver essa relação sem dissolver o sujeito. Cito: “A realidade, em vista disso, é comandada pela fantasia como aquilo em que o sujeito se realiza em sua própria divisão” (Lacan, 1967/2003, p. 357). Soler (1937/2021) acrescenta que, nas neuroses, o *fantasme* é a fantasia do trauma, confirmando a tese de que este tem caráter de construção da própria experiência da realidade, do mesmo modo que está no núcleo da estrutura do aparelho psíquico.

Todavia, Lacan também ressalta a ligação com a alienação, no modo que a moldura escolhida pelo sujeito diz a verdade de sua alienação ao discurso do Outro. Assim, embora de seu caráter constitutivo a moldura não seja dissolvida, sua travessia é o caminho de uma análise. É manuseando esse dispositivo de acesso à realidade que a análise consegue adentrar a constituição e a destituição do ser. Cito novamente Lacan: “O psicanalisante é aquele que chega a realizar como alienação o seu ‘eu penso’, isto é, a descobrir a fantasia como motor da realidade psíquica, a do sujeito dividido” (Lacan, 1967/2003, p. 358).

Expõem-se outros dois conceitos fundamentais para a compreensão do que tento articular neste texto — a realidade psíquica, ligada a essa moldura, que abre espaço a essa outra realidade, que, como Soler (1937/2021), denominamos realidade comum. Ainda na compreensão da autora, o que entendemos como verdade, ou seja, a construção do que é verdadeiro e do sintoma, está do lado da realidade psíquica. No outro lado, o que se entende por exatidão, ou como fato ocorrido, encontra-se do lado da realidade comum.

Esse dado dá força à tese de comunicação entre os conceitos de trauma já citados. Conforme um fato se impõe ao sujeito na realidade comum, passa pelo crivo da realidade psíquica, ou seja, só é possível ser experimentado pelo sujeito por meio desse conceito, que já tratamos de moldura da realidade. Chega-se ao ponto fundamental de inquietação no cartel: o que pode uma análise diante desse funcionamento?

Direciono-me para o que detalha Nominé na abertura do seminário do Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza, no ano 2022. O *fantasme* é a inscrição da realidade torcida que é construída do ponto que cada um olha (Nominé, 2022). Mes-

mo correndo o risco de errar na citação, chama-me atenção a palavra que Nominé escolheu: realidade *torcida*, e não distorcida. Não se trata de uma distorção da realidade, ou seja, não é o caso de a realidade comum existir e ter sido distorcida pelo sujeito, mas a realidade é sempre uma torção que se inscreve em cada um.

Fica evidente, então, que não há possibilidade de mudança de funcionamento, ou seja, não há adaptação à realidade na análise. Não se trata de encontrar a realidade não torcida ou retilínea, mas, retomo Nominé, uma mudança de perspectiva. A torção continua a existir, e o fato continua inscrito, porém se vê de outro ângulo. Ao mudar a perspectiva, transforma-se o lugar do sujeito diante do trauma, ou melhor, o lugar de cada um diante da realidade psíquica.

Esse produto da análise, que pode parecer pouco diante da aspiração de transformação que a sociedade nos pede, faz uma mudança fundamental na relação do sujeito com seu *fantasme*. Relação essa que, mesmo insistindo, não mais distorce sem a participação do sujeito. Isso coloca, portanto, o desejo no centro, desejo pelo que entendemos como motor da vida, fazer uso da moldura para avançar no viver, não sem entusiasmo. Parece-me também que esse esclarecimento de Nominé aponta para essa possibilidade de transformação da vivência do trauma original, explicitando que, como não poderia ser diferente, foi naquele instante que o sujeito do inconsciente apareceu e participou.

Assumir esse lugar de participação tira o sujeito do lugar do a mais do sofrimento, embora seja uma participação fora do tempo, ou seja, não há como datar ou mesmo voltar à cena primeira para se fazer presente — assume-se um lugar diante disso que constitui lugar de sujeito, e não assujeitado. Espaço que começou esse ensaio, não o lugar de objeto, mas do sujeito de desejo.

Retomo os efeitos do racismo que se inscrevem nesse ponto da realidade. Cada um vive a violência racial de forma única. Mesmo que parecida, em uma análise se revela como cada um torceu a realidade e a violência. Fanon (1952/2008, p. 114) defendia que há uma saída: “o negro não deve mais se ver colocado diante desse dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir”. É por isso que uma psicanálise ainda resiste como novidade. Em análise, aposta-se no sujeito, no lugar de cada um diante de sua torção. A análise é a criação de uma nova forma de existência diante do impasse entre as realidades.

Os destinos desse caminhar de uma análise não podem ser tipificados, já que perpassam pela experiência de cada um e dispõem de uma amarração singular do sujeito diante de seu encontro com a verdade extraída da realidade psíquica. A certeza é de que esse processo é sem retorno, no sentido de que não se pode voltar ao mesmo lugar de antes; mesmo com a repetição, algo de novo sempre se inaugura. Entretanto, a proposta é instaurar algo além da repetição sintomática, como esclareceu Nominé, mudar a perspectiva diante da moldura, ver para além da paisagem repetida.

Logo, apesar de o racismo insistir como violência cotidiana em nosso país e de uma análise não o resolver em sociedade ou mesmo se propor isso, visto que uma psicanálise não detém ferramentas ou propostas de uma prática do político, embora seu fim leve a um posicionamento ético do sujeito diante da civilização.

Na análise de cada um, os efeitos do racismo retornam como *fantasme*, inscrição da realidade. Mesmo que tome o caminho do retorno das violências raciais e sua característica de trauma social, ele também é passível de mudança de perspectiva. Ainda que sua insistência também seja na realidade comum, fazer análise não defende ninguém do racismo cotidiano. Do mesmo modo que a violência racial não impede a análise de funcionar, o negro em análise é sujeito de seu inconsciente, como qualquer outro.

Nesse sentido, não cabe o caminho da análise para o fortalecimento da instância egoica, interpretação possível da teoria de Neusa, já citada. A questão fundamental na análise não é um eu fortalecido e disponível para resolver os conflitos do mundo externo, do mesmo modo que não se trata de uma aposta de que os conflitos raciais sejam sanados em uma análise. É, na verdade, uma aposta de que o percurso analítico produza esse laço singular do sujeito com seu *fantasme*, laço que inclua o desejo e o movimento de produção de novas possibilidades.

Assim, algumas questões pululam sobre esse esboço de resposta, o que conclui a necessidade de maior avanço da teoria analítica, sempre mantendo o rigor da prática, sendo esta anterior à teorização. Todavia, é claro que a questão central chegou a uma resposta parcial. Uma análise só pode dar conta do racismo no nível do um a um. Essa é uma verdade que já existe na mente; entretanto, seus efeitos traumáticos devem ser lidos articulados ao *fantasme*. Só assim é possível enxergar um sujeito do inconsciente e produtor de uma análise.

Outro ponto que não pode se perder é que tal texto é efeito de um cartel e como efeito continua a ressoar. Assim, fica o desejo de que o avanço sobre essas questões não se interrompa. Sustentar a psicanálise é sempre pelo desejo singular, e este aponta para o avanço, não como direção, mas como força. Que este breve ensaio se apresente como força motivadora a outros colegas que insistem na psicanálise, e não como resposta totalizante a qualquer questão.

## Referências bibliográficas

- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). Salvador: EdUFBA. (Trabalho original publicado em 1952)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923 [1925])
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. (Trabalho original publicado em 2008)
- Lacan, J. (1966-1967). *Séminaire 14: logique du fantasme*. Inédito. Recuperado em 9 de janeiro, 2022, de <http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>
- Lacan, J. (2003). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 350-358). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Nominé (2022, setembro). *Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Comunicação oral apresentada no XV Seminário do Campo Lacaniano de Fortaleza, Fortaleza.
- Soler, C. (2021). *De um trauma ao Outro*. São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 1937)
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Schwarcz/Companhia das Letras.

**Recebido:** 01/03/2022

**Aprovado:** 15/03/2022